

# A Relação da Educação Pública com o Cristianismo

Gordon H. Clark

Traduzido por Lucas Vargas

*Prefácio do Editor: cinquenta anos atrás, em 31 de Outubro de 1935, Dr. Gordon H. Clark proferiu a palestra que se segue para a 42ª Convenção Anual da Associação do Presbitério de Chester de Presbíteros Regentes, na Kennet Square, Pennsylvania. Nos 50 anos seguintes, o florescente movimento de escolas cristãs tem tentado impedir a ameaça representada ao Cristianismo pela educação pública, mas ainda há um longo caminho a percorrer. A “cultura Cristã completa”, da qual Clark falou, ainda não está à vista. Entretanto, mais e mais pessoas começaram a entender a necessidade de substituir a educação pública pela educação cristã. Clark compreendeu essa necessidade cinquenta anos atrás.*

O assunto da fala desta manhã é tão amplo e tão profundo que muitas fases importantes deverão ser omitidas. Uma vez que o tema desta conferência é “Perigos que Confrontam a Igreja Cristã”, pode-se esperar que o artigo sobre educação pública lide com os relatos sobre homens e mulheres jovens que tiveram a fé e a vida arruinadas na faculdade. Ainda assim, essa fase do assunto é uma que deve ser omitida. De fato, na abertura do Seminário Teológico de Westminster neste outono, o orador, Rev. John McComb, de Nova York, afirmou que ele nunca conheceu um caso de fé Cristã arruinada pelos contatos com a faculdade. Nos casos em que isso é alegado, ele disse, os jovens não tinham fé verdadeira para começo de conversa; e, além disso, se o menino ou a menina é apropriadamente instruído pelos pais e avisado de antemão da existência de inimigos, os inimigos causam pouco dano.

Agora, conquanto minha experiência tenha sido a mesma que a do Dr. McComb, bem pode ser dito que minha experiência é limitada. Recentemente foi publicado um livro intitulado, *Crucifying Christ in Our Colleges* [Crucificando Cristo nas Nossas Universidades] de Dan Gilbert. O Sr. Gilbert afirma e então dá sua evidência de que “para muitos, a educação universitária tem sido um curso aplicado em imoralidade”. Ele cita o anticristão Aldous Huxley como tendo dito que “os meninos e meninas da universidade americana copulam com a promiscuidade casual dos cães”. E, posteriormente, ele faz referência a estatísticas que mostram que uma certa cidade universitária em

Michigan tem uma população maior de casos venéreos do que a Cidade de Nova Iorque.

Embora o livro seja terrivelmente extremo, a coleção de casos e incidentes compilados pelo Sr. Gilbert é provavelmente verdadeira e acurada. O autor traça então essa imoralidade à tentações e seduções apresentadas ao estudante pelos professores anticristãos. Ele reuniu um grande número de citações de livros universitários de psicologia, sociologia e biologia nos quais a religião Cristã e os padrões de moralidade Cristãos são atacados e repudiados em favor da promiscuidade no sexo, revolução e derramamento de sangue em política, roubo e até mesmo assassinato nos assuntos privados. Suponha, se você quiser, que o autor tenha coletado as declarações mais ultrajantes; no entanto, é verdade que é isso que os estudantes recebem em alguns livros e em algumas universidades. Se outros livros são mais cautelosos, ainda permanece a possibilidade de que as palestras na sala de aula promovam o paganismo. Palestras, além disso, têm estas duas vantagens sobre livros – elas são mais eficientes que livros em moldar as ideias dos estudantes e, em caso de uma doutrina perigosa, elas desaparecem no ar e não deixam nenhuma evidência precisa para trás.

Tudo isso é uma ameaça ao Cristianismo; e é uma fase urgente do problema; no entanto, esta é uma fase que nós devemos omitir dessas considerações matutinas. Nós omitimos essa fase por uma razão, e a razão é que esses fatos preocupantes são resultados de causas subjacentes. As causas não são tão espetaculares quanto os resultados, mas elas são a raiz do problema e requerem reconhecimento num diagnóstico apropriado.

Sem dúvida essas causas são numerosas. Talvez a causa básica seja a depravação inerente da natureza humana. Nascido em iniquidade, implicado na culpa de Adão, um homem é naturalmente pecador. Entretanto, a causa mais básica da má situação educacional não é restrita ao campo da educação. Qualquer um que tenha trabalhado em uma fábrica sabe que “uma mancha de natureza e o mundo inteiro se torna parente”. E assim, parece apropriado passar pelo assunto da depravação humana como sendo uma consideração teológica e não peculiar à educação. Por outro lado, embora isso não seja peculiar à educação, a crença ou

descrença de um educador na depravação hereditária determina sua atitude em relação aos problemas escolares. O educador não cristão que acredita que a natureza da criança é inerentemente e positivamente boa, ou no mínimo neutra, objetiva desenvolver essa natureza como ela é. Restrições e inibições são consideradas como um mal, e auto expressão é considerada como boa. Que o resultado de tal atitude seja frequentemente uma vida decididamente imoral não é surpreendente; mas mesmo no muito limitado campo da realização intelectual os resultados são desastrosos, pois a criança escolhe aprender o que ela sente vontade de aprender. A criança escolhe o projeto, e o professor está ali apenas para entretê-la. O educador Cristão, por outro lado, crê que toda criança que ele ensina é herdeira de uma natureza má, valoriza o autocontrole em vez da auto expressão; ele crê que o professor, em vez do aluno, conhece melhor quais lições devem ser estudadas; e ele está convencido que o bordão popular, aprenda fazendo, é desmascarado quando nós vemos que o mal aprendido dessa maneira causa danos irreparáveis. A doutrina teológica da depravação humana, se é verdadeira, não é limitada em sua aplicação à educação, mas certamente tem uma relação muito clara com o problema, e deve ser assim reconhecida.

Pode ser bom, no entanto, tentar limitar essa discussão à teoria puramente educacional. Ao menos a tentativa provará se essa limitação é possível ou não. Mas, o que é uma teoria educacional, e o que é educação? Discordância nessa questão inicial produz divergência em tudo que vem a seguir. Devia ser óbvio, a partir da mera declaração, que um sistema escolar fundado na ideia de que educação é uma preparação moral e espiritual para toda a vida, irá treinar crianças de uma maneira totalmente diferente de um sistema escolar que concebe educação como uma preparação para conseguir o máximo de dinheiro no menor tempo possível. Seria difícil, se não impossível, encontrar nos Estados Unidos um sistema escolar público cuja operação é baseada na supremacia dos valores morais e espirituais. Seria relativamente fácil, entretanto, encontrar proponentes mais ou menos abertos de uma educação completamente materialista em sua filosofia e puramente vocacional em seus conteúdos. Essa educação enxerga apenas este mundo, e neste mundo ela conhece apenas a economia.

À parte das implicações religiosas, este tipo de educação tende a tornar homens em máquinas. Contanto que as vítimas deste tipo de instrução estejam ativamente engajadas em seguir sua pequena rotina, contanto que elas estejam ocupadas com seus negócios, a máquina funciona bem. Mas tire seus negócios, tire a máquina da rotina, dê ao homem uma noite de solidão ou ócio, e sua pobreza de espírito essencial é revelada. Se ele não consegue encontrar nenhum conhecido que o impeça de ficar entediado, ele deve ligar o rádio. Que barulho o rádio transmite é irrelevante, ao menos ele preenche o vácuo entre seus ouvidos.

Outros educadores tentam substituir uma visão de educação mais plausível ao senso comum. Eles afirmam ou que não há um fim último da educação, ou, se eles são mais cautelosos, declaram que eles não conhecem tal fim. Enamorados com a experimentação e observação científica, eles têm descoberto, eles dizem, que a educação tem muitos fins desconectados e não relacionados. Descartando o que eles consideram uma metafísica impraticável, eles sustentam que todos concordam que a ortografia é útil, e aritmética e, digamos, futebol. Desenvolver o estudante por essas linhas não relacionadas, portanto, é o propósito da educação. De qualquer síntese das atividades humanas, de qualquer propósito primário na vida, eles professam ignorância ou descrença.

Plausível como esta teoria é, a pessoa que reflete tropeça em algumas questões embaraçosas. Em qualquer lista de fins não relacionados da educação, alguém pode perguntar, algo foi omitido? A lista está completa? Certamente todo Cristão consistente deveria considerar a lista de um educador pagão lamentavelmente inadequada. O educador profissional, em particular o sistema escolar público do nosso país, deseja forçar nos Cristãos um tipo de escola da qual todos os valores espirituais são banidos? Quando o educador compõe sua lista, qual o motivo por trás das omissões? Seria sua convicção oculta que certos fins, especialmente os fins mais abrangentes, são sem valor? Pode ser que tais listas ocasionalmente incluam assuntos omitidos em uma teoria vocacional puramente materialista; mas, no todo, essas duas teorias – o materialismo dogmático de um e o ceticismo dogmático de outro – equivalem quase a mesma coisa.

Uma terceira teoria, no entanto, parece definitivamente mais promissora. Ela é

precisamente o oposto da primeira teoria. Se o objetivo da educação vocacional é transformar o homem em uma máquina e enquadrá-lo em uma rotina, o objetivo neste caso é prevenir o homem de se tornar uma máquina e salvá-lo de uma rotina. O objetivo é torná-lo independente de máquinas, em resumo, torna-lo um homem, um homem completo em vez de uma criança dependente necessitada de entretenimento.

Uma sugestão pertinente para os sistemas escolares modernos é que eles proibam tudo que for vocacional, e o façam sob a base de que isso não é educação. Escolas técnicas devem ser encorajadas – quanto mais sofisticadas elas forem, melhor; mas não permitamos que a confusão comum de pensar que treinamento técnico e educação são a mesma coisa permaneça. Educação, compreendida de maneira apropriada, não prepara um jovem para este ou aquele tipo de vida específico; educação não tem o propósito de produzir químicos, escritores ou engenheiros; educação tem o propósito de produzir homens. Ela não prepara para algum tipo de vida em particular, mas para qualquer e todos em geral. Suas lições são aplicáveis para toda vida, não para algumas apenas.

Que seja perfeitamente entendido, no entanto, que esta educação pode e deve ser tão minuciosa quanto o treinamento técnico. Esta teoria não implica que o ano escolar é um feriado, que o difícil labor intelectual pode ser dispensado, ou que a universidade é a escola de aperfeiçoamento de um jovem cavalheiro. Um curso em Sorbonne impressionará com o rigor da educação Francesa, e embora seu sistema não seja o ideal, os sistemas Americanos seriam aprimorados se copiassem um pouco do rigor Francês. Educação deve ser tão rigorosa quanto o treinamento técnico, mas não tão estreito e restrito; pois o alvo é o homem completo e uma vida bem equilibrada.

Infelizmente, ao mesmo tempo em que estamos chegando a uma visão aparentemente satisfatória do que a educação deve objetivar fazer, somos confrontados com o problema mais básico e sério de todos. Educação pode bem objetivar uma vida bem equilibrada e um homem completo; mas, o que é uma vida bem equilibrada, e o que constitui um homem completo? Nenhuma teoria estritamente educacional pode responder essas questões; a tentativa de excluir tudo, exceto o material puramente educacional, falha, porque cada educador adota uma cosmovisão filosófica e baseia

sua teoria educacional em sua filosofia. Alguns educadores sustentam que o homem e o mundo no qual ele vive deveriam ser concebidos humanisticamente. Eles não acreditam em Deus; religião, na avaliação deles, é superstição; e uma vida bem equilibrada torna-se a premiação de tantas sensações quanto possíveis. Alguns dos piores resultados dessa visão dão ao Sr. Gilbert material para seu livro mencionado acima. Outros educadores, também em pequeno número, sustentam uma cosmovisão teísta. Eles afirmam que Deus existe e que ele é Soberano; que descaso a Deus resulta em uma calamidade inevitável; que o fim principal do homem é glorificar a Deus e gozá-lo para sempre. De um lado, temos John Dewey e a maior parte dos educadores profissionais; do outro lado, os Cristãos.

Nunca é demais enfatizar que as políticas educacionais de um sistema escolar público derivam suas características da filosofia de seus oficiais superiores. Deixe que esses diretores, superintendentes e oficiais aleguem que eles baseiam suas visões em experimento e observação; sua alegação é falsa. Experimentação em psicologia e pedagogia podem, de fato, melhorar a técnica de ensinar, mas não podem escolher seus fins e objetivos. E os fins e objetivos são muito mais importantes que a técnica. A técnica científica pode ser apenas uma maldição quando está indo na direção errada. Nenhuma ilustração melhor desta verdade poderia ser desejada do que a técnica em química que é constantemente aprimorada. Química aprimorada pode fazer maravilhas na medicina; mas se a técnica aprimorada em química é usada para produzir gases venenosos para guerra, devemos desejar muito menos sucesso para a química. A técnica em educação pode tornar o ensino às crianças mais eficiente, mas se o educador ensina ideias erradas, quanto mais eficientemente ele faz isso, pior. Experimentos científicos podem nos dizer como as crianças aprendem, mas nenhuma quantidade de observação das crianças pode nos dizer o que elas devem aprender. E esta é a fase mais importante da educação; não a descrição do processo de aprendizado, mas o objetivo do processo. Numa linguagem filosófica, pedagogia não é uma ciência descritiva, mas sim normativa. Ela lida não tanto com o que é, mas com o que deve ser. E opiniões do que deve ser não vêm, como alguns educadores invejosos de alguma reputação científica alegam, por observar como as crianças aprendem. Opiniões

sobre o que deve ser dependem da filosofia subjacente. O educador anticristão deseja produzir um tipo de homem; o cristão escolhe um objetivo completamente diferente. Ambos podem falar sobre um homem completo, mas que eles querem dizer coisas diferentes é óbvio quando nós citamos talvez o melhor versículo na Escritura sobre o objetivo da educação: “Toda Escritura é inspirada por Deus e é útil para o ensino... para a instrução na justiça, para que o homem de Deus possa ser completo, e completamente capaz para toda boa obra”.

Se agora, como Cristãos, nós temos alguma ideia de nosso objetivo, é o momento de prestarmos atenção aos métodos para fornecer às crianças a educação que nós apoiamos. Metodologia poderia ser discutida indefinidamente; suas complexidades são infinitas. Nesta manhã apenas certos princípios muito gerais acerca de método podem ser mencionados. Em primeiro lugar, a educação é e deve ser considerada como responsabilidade da família. É principalmente aos pais, não principalmente ao Estado, nem mesmo à Igreja, que Deus confiou as crianças e sua educação. Este princípio precisa ser enfatizado nestes dias porque muitos educadores o negligenciam ou o ignoram. Existem forças poderosas trabalhando no mundo e usando os Estados Unidos para destruir a família e tornar a criança, sim, adultos também, em criaturas do Estado. Uma moral frouxa e divórcios fáceis em Nevada andam de mãos dadas com a ditadura para destruir a família e exaltar o Estado. Os americanos não precisam apontar o dedo do escárnio à Rússia imoral e ateísta, nem para os esforços de Hitler e Mussolini para tornar a educação pública em meios de propaganda política. A centralização da autoridade está bem desenvolvida neste país também. Nunca antes neste país houve tanto poder colocado nas mãos de um só homem. Se essas tendências em direção à uma moralidade frouxa, exemplificadas tanto no divórcio fácil quanto no repúdio das dívidas nacionais, e em direção à ditadura exemplificada, novamente, no repúdio das dívidas e nas leis relativas às batatas<sup>1</sup>, se essas tendências não forem combatidas e superadas, a família perde. Ditadores nunca aniquilaram nem podem jamais aniquilar a família, simplesmente porque ela é uma instituição estabelecida por Deus

e está enraizada na constituição humana; mas ditadores podem arruinar muitas famílias, causando uma ampla miséria e até guerra civil. Na educação, a política ditatorial é adotada com toda centralização de autoridade. Um Conselho de Educação federal que controla sistemas locais tornaria escolas em instrumentos de partidos políticos, e em pouco tempo, seria o método mais efetivo possível para impedir qualquer verdadeira educação. Tudo isso também está alinhado com a assim chamada emenda do Trabalho Infantil, a qual – se alguma vez fizesse parte da Constituição dos Estados Unidos, ao menos na forma na qual ela foi originalmente apresentada – tiraria o controle dos pais sobre os filhos e o entregaria ao Congresso. Se estou informado corretamente, os defensores dessa emenda são Comunistas e eles rejeitam enfaticamente limitar seu escopo ao emprego na indústria, mas insistem em incluir o poder de tirar o controle das crianças de seus pais. Nestes tempos problemáticos, o Cristão deve se fazer ouvido e reafirmar a responsabilidade da família pela educação da criança.

Pais, no entanto, por causa das exigências da vida, não podem dar pessoalmente a instrução que as crianças precisam. Escolas são necessárias. Mas, a que tipo de escola devem pais cristãos enviarem seus filhos? Parece razoável que o filho de um Cristão seja entregue a uma instrução pagã? Existem Cristãos, mesmo ministros Cristãos, que se referem a Moisés como sendo ensinando em toda sabedoria dos Egípcios, e concluem deste fato, através de algum tipo de lógica privada, que não há necessidade de escolas Cristãs. Nós concordamos que o caráter de Moisés foi de tal modo formado pelo treinamento de sua mãe que sua educação Egípcia não o arruinou, mas se a educação pagã não arruinou Moisés e não arruína um jovem verdadeiramente Cristão hoje, nós devemos dar a glória ao poder da graça de Deus em vez de estarmos satisfeitos com a educação pagã. Apenas porque um jovem sobrevive à instrução pagã, não há razão para submetê-lo a ela. As crianças podem sobreviver, às vezes, à difteria ou à paralisia infantil, mas nós não tentamos fazê-las ter essas doenças. Agora, em escolas públicas, as crianças recebem uma educação pagã. Dificilmente alguém espera que as escolas públicas ensinem a expressão

<sup>1</sup> Referência à *Potato Control Law*, promulgada em agosto de 1935. Esta lei restringia a exportação de batatas e foi considerada uma das interferências mais radicais e

controversas do *New Deal*. Posteriormente foi considerada inconstitucional pela Suprema Corte dos Estados Unidos em 1936. [N.T.]

mais compacta e mais consistente do Cristianismo, o *Breve Catecismo*. Mas ensinar a Bíblia também é proibido, e em alguns lugares, mesmo a leitura da Bíblia é ilegal. Obviamente escolas públicas não são Cristãs. Mas muitos respondem que, embora elas não sejam Cristãs, elas não são anticristãs, são neutras. Mas, perguntemos, o que significa neutralidade quando Deus está envolvido? Como Deus julga o sistema escolar, que diz a ele, “Oh, Deus, nós nem negamos nem afirmamos sua existência; e oh Deus, nós nem obedecemos nem desobedecemos seus mandamentos; nós somos estritamente neutros”. Que ninguém falhe em perceber o ponto aqui: o sistema escolar que ignora Deus, ensina seus alunos a ignorar Deus; e isto não é neutralidade. Isto é a pior forma de antagonismo, pois julga que Deus não é importante e é irrelevante nos assuntos humanos

Qualquer Cristão, me parece, deve ter bom senso suficiente para ver que a sujeição às influências pagãs é uma injustiça à criança. Qualquer Cristão deveria ver isso, mas um Presbiteriano deveria ver ainda mais claramente. Infelizmente a Igreja Presbiteriana nos E.U.A. é dominada por homens que compartilham das opiniões heréticas da Afirmação de Auburn. A Bíblia é repudiada e os principais eventos do ministério de Cristo – seu Nascimento Virginal, sua Expição vicária, sua Ressurreição corporal – são chamados de não essenciais à religião Cristã. A *Confissão de Westminster* com seu glorioso Calvinismo é uma carta morta. Mas um verdadeiro Presbiteriano, que realmente crê no sistema da Confissão – para quem a depravação total, a expiação limitada, a perseverança dos santos, significam algo – este pode enxergar mais claramente que qualquer outro tipo de Cristão a injustiça de submeter uma criança à instrução pagã. Com seu entendimento do Cristianismo mais profundo e consistente, o Calvinista vê mais claramente porque ele aprecia completamente o Pacto da Graça.

Em Gênesis nós lemos que Deus estabeleceu um pacto gracioso entre ele mesmo e Abraão, mas não foi apenas com Abraão que Deus estabeleceu o pacto. As palavras são “Eu estabelecerei meu pacto entre mim e ti e sua descendência depois de ti...” O pacto, portanto, definitivamente incluiu as crianças. Por isso os filhos de Abraão estavam em uma relação com Deus diferente daquela relação dos filhos dos pagãos com Deus. Na carta de Paulo aos Gálatas, Deus nos ensina que a dispensação do

Novo Testamento, nada mais é que um reavivamento e cumprimento do pacto com Abraão. Isso não significa que a salvação atual é uma herança natural de pai para filho. Muito menos nega a necessidade da regeneração. Mas isso significa que Deus normalmente trabalha através de famílias; e, por essas razões, os Presbiterianos ministram o batismo à infantes, assim como os Hebreus circuncidavam seus filhos, para mostrar sua inclusão formal no pacto. Os pais, no batismo, prometem criar o filho na doutrina e admoestação do Senhor, ou em outros termos, prometem educar a criança de acordo com as diretrizes Cristãs. É ineficiência, para dizer o mínimo, restringir esta educação à Escola Dominical e ao pequeno treinamento caseiro que as crianças de pais cristãos educadas na escola pública devem receber; logicamente, a escola diária também deve ser utilizada para a instrução cristã.

Agora, em tempos passados, nosso país era dois terços Calvinista, e a civilização era, num sentido amplo, Cristã. Infelizmente isso não é mais verdade, e as escolas e faculdades são acusadas – com algum grau de verdade – de darem aos estudantes cursos aplicados em imoralidade.

Que sugestão pode ser dada para ajudar os pais na presente situação? Há uma sugestão muito concreta – se é praticável ou não, os pais devem decidir por si mesmos. É suficiente dizer que essa sugestão está em operação real em vários lugares. A sugestão é simplesmente que pais Cristãos se unam para formar escolas Cristãs. Uma família sozinha não pode prover uma educação cristã para seus filhos, mas um vasto número de famílias pode. Alguns sacrifícios financeiros serão, sem dúvidas, necessários; mas o Cristianismo em geral, e em particular sua forma mais consistente, o Calvinismo, não são conhecidos por fugirem de sacrifícios. A civilização Cristã e a cultura Cristã estão desaparecendo. Grandes grupos de Cristãos ortodoxos sinceros são totalmente ignorantes da rica herança que os pertence; eles são como crianças bebendo leite, e eles precisam de alimento sólido para amadurecer. Eles acreditam no que é fundamental, eles pregam o cerne do Evangelho, e almas são salvas através da instrumentalidade deles. Nós louvamos a Deus por isso. Mas eles não estão completamente equipados para toda boa obra. Um sistema de escolas Cristãs nos dará um conhecimento do Cristianismo que abarca toda a

vida, e produzirá uma cultura Cristã completa para um homem completo.